

# O despertar do amor nos bailes da Terceira Idade

Rovana Kinas

*Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Santo Angelo, RS, Brasil*

Giana Bernardi Brum Vendruscolo

*Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Santo Angelo, RS, Brasil*

---

## RESUMO

O amor embasa toda forma e relação humana, e por isso, pode ocorrer em todas as idades, sendo uma prova que a velhice pode ser um recomeço. Este estudo discorre sobre como se manifestam as relações amorosas em idosos aposentados frequentadores de bailes da terceira idade. A pesquisa foi do tipo qualitativa, de caráter descritivo exploratória, cujo delineamento foi um estudo de caso realizado com três sujeitos, escolhidos por acessibilidade. Os dados foram coletados por uma entrevista semi-estruturada e analisados através da análise de conteúdo, da qual emergiu sete categorias. Os objetivos da pesquisa foram alcançados: os idosos buscam um relacionamento amoroso pela companhia; o enamoramento pode ser ou não vivenciado como algo satisfatório; e o modo como os relacionamentos se estruturam mostra que todos compartilham tudo, que as mulheres se expressam mais do que o homem, e que o relacionamento pode ser sério quando apoiado pela família.

**Palavras-chave:** Relações amorosas; idosos; bailes da terceira idade.

## ABSTRACT

*The awakening of love in the dance of the third age*

Love is the base of all kind and human relationship, and for that reason, it can happen in all ages, which proves that the third age can be a restart. This study is about how to express love in the relationship of elderly retired people who participate in dances of the third age. The type of research was qualitative, descriptive exploratory in nature, whose design was a case study conducted with three subjects, chosen by accessibility. The data were collected by a semi-structured interview and analyzed by examining the content, of which emerged seven categories. The objectives of the research were reached: the elderly look for a relationship to have a company; falling in love may or may not be experienced as something satisfactory; and the way relationships are structured shows that everyone shares everything, that women expresses themselves more than men, and that relationship can be serious when supported by the family.

**Keywords:** Loving relationship; elderly; dance of old age.

## RESUMEN

*El despertar del amor en los bailes de la tercera edad*

El amor es la base de toda la forma y relación humana, y por ello, puede ocurrir en todas las edades, siendo una prueba que la vejez puede ser un recomezo. Esta investigación trata de averiguar como se manifiestan las relaciones amorosas en personas jubiladas frequentadores de bailes de la tercera edad. La presente investigación fue del tipo cualitativa, de carácter descriptivo exploratoria, cuyo delineamiento fue un estudio de caso realizado con tres sujetos, elegidos por accesibilidad. Los datos fueron colectados por una entrevista semi estructurada y analizados a través del análisis del contenido, de la cual emergieron siete categorías. Los objetivos de la investigación habían sido alcanzados: los ancianos buscan un relacionamiento amoroso por la compañía; el enamoramiento puede ser o no vivenciado como algo satisfactorio; y la manera como las relaciones se estructuran muestra que todos comparten todo, que las mujeres se expresan más que el hombre y que el relacionamiento puede ser serio cuando apoyado por la familia.

**Palabras clave:** Relaciones amorosas; ancianos; bailes de la tercera edad.

---

## INTRODUÇÃO

O amor é o sentimento base de toda forma e relação na vida dos homens, e está presente em inúmeras

maneiras de discursos e pensamentos (Sesarino in Ferreira e Schultz, 2005). Desta forma, as relações amorosas podem ocorrer em qualquer idade, inclusive nas idades avançadas.

Assim, como o número de idosos aumentou, representando atualmente cerca de 10% de toda a população (Araújo, Coutinho e Carvalho, 2005; Pereira, 2006), faz-se necessário uma ampliação de estudos sobre as pessoas idosas, que, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a Organização das Nações Unidas (ONU) e os organismos oficiais do Estado Brasileiro como o IBGE, são as pessoas igual ou acima de 60 anos. O aumento ocorreu devido à melhora das condições de saúde, e ao aumento na expectativa de vida, que no ano de 2000, era em média, de 65 anos, devendo alcançar 74,3 anos entre 2045 e 2050 (Kapczinski e Bassols, 2001; Ruwer, Rossi e Simon, 2005). Conforme Filho (2006), os idosos aumentaram não só em número, mas também como cidadãos funcionais e consumidores de produtos novos e de tecnologias.

Ainda hoje, muitos idosos são tratados como se estivessem em uma segunda infância nada engraçada (Erikson, 1998). Essa relação social de dependência, quando não há reciprocidade, pode ser prejudicial à saúde (Ramos, 2002). Além disso, suas vidas são “influenciadas” por fatores como inúmeras perdas (biológicas, cognitivas e do cônjuge, por exemplo), aposentadoria, imagem negativa que a sociedade possui do idoso, e afastamento dos filhos e familiares (Gatto, 2002; Eizirik, Candiago e Knijnik, 2001; Pereira, R. 2005; Pereira, S. 2005).

No entanto, a vida destes idosos pode ser diferente, pois na velhice pode haver muito mais vitalidade do que muitos imaginam. Esta vontade de viver e recomeçar evidencia quão inúmeras vivências podem ocorrer. Uma destas vivências pode ser os bailes da terceira idade que representam uma forma de lazer. Segundo Borini e Cintra (2002), a relação dos idosos com atividades deste tipo pode ser tão intensa que é capaz de gerar dependência, pois ao participar destas atividades, alguns idosos sentem-se mais felizes e saudáveis, além de bem-estar, e clima de euforia e juventude. Argimon (2006) e Néri in Pereira (2006) também argumentam que quanto mais (fisicamente) ativo um idoso, maior sua qualidade de vida, já que, além de ser maior a alegria de viver, processos fisiológicos que diminuem com a idade podem ser alterados.

O modo como cada idoso vivenciará sua aposentadoria dependerá do modo como ele estabelece a relação entre trabalho e tempo livre (Santos in Rodrigues, Ayabe, Lunardelli e Canêo, 2005). Isto porque o trabalho, além de organizar a vida, é a atividade basilar do homem, já que orienta e é integrante de sua identidade. Desta forma, a aposentadoria pode não ser vivenciada como um repouso merecido, podendo gerar um desequilíbrio psicológico. Além de a identidade ficar ameaçada, o fato de se aposentar, para muitos é também se tornar “velho”, e como em nossa sociedade capitalista se

valoriza o trabalhador e a produção, muitas vezes o aposentado se sente inútil e descartável (Rodrigues et al. 2005). Este estresse gerado pela aposentadoria é muito mais comum em homens, pois as mulheres, ao se aposentarem, quase sempre se envolvem com atividades que englobam interação com outras pessoas e assim, vão dando continuidade à sua vida (Pease e Pease, 2003). Então, salienta-se a aposentadoria porque a mesma significa principalmente para os homens, uma perda de papéis profissionais, de produtividade e de relacionamentos importantes ao longo da vida adulta (Walsh, 1995).

O presente artigo foi realizado para suprir inquietações e curiosidades com a problemática de como se manifestam as relações amorosas em idosos aposentados frequentadores de bailes da terceira idade. A pesquisa foi desenvolvida entre os meses de setembro de 2007 e julho de 2008, com os seguintes objetivos específicos: verificar os motivos que levam os idosos aposentados a procurarem um relacionamento amoroso; analisar como os idosos aposentados vivenciam o enamoramento; e descrever como se estrutura o relacionamento amoroso em idosos aposentados.

A partir da realização de uma pesquisa curricular da disciplina Pesquisa em Psicologia II, do curso de Psicologia da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Campus Santo Ângelo, buscou-se compreender e conhecer melhor este “despertar” do amor nos bailes da terceira idade.

## METODOLOGIA

A pesquisa é do tipo qualitativa, de caráter descritivo exploratória, pois se aprofunda nos significados das ações e das relações humanas, buscando sua compreensão (Deslandes, Gomes e Minayo, 1996; Martins e Bicudo, 2003; Scarparo, 2000). Neste tipo de pesquisa, o sujeito-observador participa na produção do conhecimento e atribui significado aos fenômenos quando os interpreta (Chizzotti, 2001), o que possibilita a análise de aspectos psicológicos, a identificação de posturas, motivações e expectativas (Richardson in Scarparo, 2000).

Quanto aos objetivos, é uma pesquisa descritiva, pois foi observado, descrito, analisado, classificado e registrado as relações amorosas em idosos aposentados, e também, uma pesquisa exploratória, já que visou uma maior familiaridade com o tema (Gil, 1994).

A pesquisa pautou-se em um estudo de caso, uma vez que o mesmo é uma análise profunda de uma “unidade” (Triviños, 2001), que, conforme Chizzotti (2001) é significativa do todo; além disso, esta unidade é referência das condições socioculturais de uma situação e retrata a realidade e os aspectos globais da mesma.

A forma de acesso aos sujeitos foi por acessibilidade, pois, conforme Gil (1994), apesar deste tipo de amostragem não ser muito rigoroso, acredita-se que os sujeitos sejam representantes do universo.

Foram entrevistados duas idosas e um idoso, todos aposentados, que frequentam baile(s) da terceira idade pelo menos duas vezes por mês e que possuem um relacionamento amoroso oriundo deste tipo de lazer.

O contato com os sujeitos foi realizado após a aprovação pelo comitê de ética em pesquisa da universidade e a entrevista foi realizada depois de os sujeitos estarem a par do que se tratava a pesquisa, que suas identidades seriam preservadas, tirarem suas dúvidas, “preencherem” todos os critérios de inclusão e terem aceitado participar da pesquisa. Após assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, solicitou-se a permissão para gravar a entrevista, esclarecendo que após a transcrição, a mesma seria descartada.

O instrumento utilizado foi uma entrevista semi-estruturada contendo sete perguntas, já que a mesma parte de questionamentos básicos fundamentados em teorias e hipóteses, proporcionando uma expansão de interrogativas, originadas de novas hipóteses que aparecem ao longo da entrevista (Pádua, 2000; Triviños, 2001). Como ela apresenta ao informante liberdade e espontaneidade necessárias, é facilitada a descrição, a explicação e a compreensão dos fenômenos sociais em sua totalidade (Triviños, 2001).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para analisar os dados, utilizou-se a análise de conteúdo, que é um conjunto de técnicas de análise de textos escritos ou de qualquer comunicação; seu objetivo é compreender o sentido das comunicações, seu conteúdo e suas significações (Chizzotti, 2001). Ela é um híbrido entre o formalismo estatístico e a análise qualitativa do que foi coletado (Bauer e Gaskell, 2003). Como a análise de conteúdo abrange a categorização dos assuntos proeminentes para as questões estudadas, estas, obedeceram ao modelo misto, pois, segundo Laville e Dionne (1999), apesar de ter categorias escolhidas no início, houve alterações em função do que surgiu na análise.

A fim de obter-se uma melhor análise das informações coletadas, foram constituídas sete categorias, sendo elas: participação nos bailes; relacionamento amoroso; enamoramento; estrutura do relacionamento amoroso; sentimentos compartilhados; sentimentos sobre o relacionamento amoroso; e influência da família. É importante lembrar que os nomes utilizados no decorrer do artigo são nomes fictícios dados aos sujeitos a fim de preservar a identidade dos mesmos.

A categoria *participação nos bailes* refere-se ao motivo que levou os idosos a participarem dos bailes da terceira idade. Deve-se lembrar que se entende lazer como toda ocupação de livre escolha, a qual ocorre em tempo livre e que é realizada após o término das obrigações familiares, profissionais e sociais. Ele é fonte de invenção cultural, de resgate do homem e de favorecimento de uma inovação na socialização (Ferrari, 2002). Esta categoria foi expressa por Maria como sendo para conseguir companhia (por sentir-se só), a qual pode ser exemplificada em sua fala: “*É o... principalmente da gente ficá sozinha néh... mora sozinha... aí falta companhia, falta alguém pra pra repartir néh, conversar alguém pra... pra ti, vamo dizê, pra viver... (...)* Então, eu eu já estava muitos anos sozozinha, separada, aí... e mais também porque a gente não tinha o que fazê sabe...”; Já Paula afirma ser por convite: “*Primero de tudo eu nunca queria participá porque eu fiquei dez anos viúva era viúva e ficava sempre em casa. Aí (...) minha cunhada (...) néh, sempre me convidava pra mim ih junto, i eu nunca queria néh. Daí ela disse um dia ela disse ‘Hoje tu vai, se tu gostá tu vai de novo, se tu não gostá meia tarde nós vamo embora’. Aí nós fomo, chegamo lá e eu gostei, ela disse ‘Vamo embora?!?’ eu digo ‘Não! Vamo ficá até o fim!’ (risos) E a partir daí eu comecei de participá sempre que eu posso néh*”; Pedro diz que é por se sentir renovado, pela música, dança, pelos amigos e por ser um passatempo. Isto se verifica em sua seguinte fala: “*Tercera idade tinha... um baile fica... a gente fica outra pessoa assim... parece que fica novo. (...) Tem música, dança e tudo... tem movimento, e amigos e tem... (...) Melhor a gente teve no baile, dançava com um ou outro e... um passatempo...*”.

Constata-se assim que os bailes são uma rede social, onde pode haver contatos interpessoais, fazer auto-avaliação, receber apoio emocional, manter uma identidade social, entre outros (Eizirik, Candiago e Knijnik, 2001). Conforme Borini e Cintra (2002), a participação neste tipo de atividade também pode fazer com que os idosos organizem seu tempo, (re)signifiquem seu cotidiano, além de ser fonte de bem-estar. Isto é evidenciado nas falas dos sujeitos, em que “ir aos bailes” passa a ser uma de suas atividades corriqueiras, já que, com os enamoramentos e os bailes, surgem expectativas e vontade de se divertir.

A categoria relacionamento amoroso expressa o que levou os idosos a buscarem um relacionamento amoroso nos bailes da terceira idade. Esta categoria foi manifestada por todos como sendo para buscar uma companhia para não ficarem sós, o que pode ser averiguado nas seguintes afirmações: “*Ah justamente a... a necessidade de tê uma pessoa ao teu lado néh, uma pessoa que te compreenda, uma pessoa que...* que

*divida contigo as coisas boas e as coisas ruins néh... (...) E pra tê uma pessoa pra tê com quem conversá, e o... a própria necessidade da pessoa néh de tê um companheiro ou uma companheira pra vivê pra... dividi a vida néh?! Os o... (...) O cotidiano, néh... pra tomá um chimarrão junto, conversá junto néh, porque eu gosto muito de chimarrão, gosto muito de dançá”* (Maria); *“Mas é... um pouco é a solidão... mais por amizade mesmo, pra tê um amigo néh pra conversá... e assim ó: ah... por enquanto é só pra dançá, não tem nada de... de mais profundo sabe (risos)”* (Paula); *“Olha, a gente podia ficá... sozinho, morá sozinho... assim de tarde, a gente fica triste, não tem companhia não tem nada. E a... pensei, fica... não ia dá certo”* (Pedro). Estas falas confirmam que, conforme Ferreira e Schultz (2005), todos buscam ao longo de suas vidas um(a) companheiro(a); e com a questão da viuvez, também é possível pensar em novas relações amorosas (Walsh, 1995).

Na categoria denominada *enamoramento* buscou-se explorar como aconteceu o processo de apaixonamento. Para Maria e Paula o enamoramento foi descrito com mais detalhes: *“Ah, isso aí já faz (...) 6, 7 anos já que eu ia dança, dançava... e eu tava dançando com um rapaz, digo rapaz porque é bem mais novo do que eu. E aí eu dançava às vezes com esse outro, e até que chegou um dia que a gente resolveu dança ih... ih... só que ele é muito novo pra mim, então acho assim... que a gente não tá junto por causa disso. Mas acho que a gente vai... acho que cheguei à conclusão de que não tem porque a gente... eu não consegui mais gosta de outra pessoa depois dele. (...) Procurei, procurei outra pessoa, outro... dancei e tudo... mas não tem mais, não tem mais aquele... não dá mais aquele ‘tchan’ sabe, não tem...”* (Maria); *“Ah, isso aí faz tempo que ele vem ali dança e convida a gente pra dançá, já faz tempo que ele me arroteia e conversa pra gente se ficá junto, dança, a gente diz, dançá de par néh?! (risos)”* (Paula). Já Pedro falou de modo breve: *“A gente dançava e... se achava assim...”*.

Conforme Andolfi, Angelo e Saccu (1995), a estrutura de um relacionamento amoroso diz respeito, por exemplo, à duração da relação ou o que será compartilhado entre o casal em todos os sentidos. Além disso, as relações amorosas podem também variar em graus de intensidade e comprometimento, que vão desde o “ficar” até um “compromisso sério” (Ferreira e Schultz, 2005). Desta forma, na categoria que se chama estrutura do relacionamento verifica-se que dois dos entrevistados almejam ter uma relação séria: *“Olha, agora eu... a gente tá... eu tô pensando em começa de novo vamo dizê porque a gente já tá, faz tempinho que a gente tá assim... E, depende de mim se a gente vai continuar porque ele... ele disse que por ele que...*

*ele não vai tê mais outra pessoa como eu, então acho que daqui pra frente a gente vai se encontra... vai se um relacionamento até que... ‘Até Que A Morte Nos Separe’, como diz o outro ou como a gente diz ‘Até Que Dure’ néh, porque às vezes pode surgir um contratempo, alguma coisa néh (...)”* (Maria); *“Sério assim... um respeita um ao outro assim...”* (Pedro). Paula argumenta que não pretende ter compromisso, mas depois deixa claro que esta decisão é por influência dos filhos: *“(...) não gosto de tê compromisso néh... eu eu gosto de ih lá só dançá e pronto néh, e ficá livre néh... (...) É, eu não sei de repente eu tô quase arrependida já por causa dos filhos néh, se eles descobrem já não vão gostá. Só que... por um lado é bom porque a gente é tipo amigo néh?!”. Pode-se verificar que o relacionamento de Paula se assemelha ao “ficar”, que conforme Justo (2005), é muito comum entre os adolescentes, e está inscrito na contemporaneidade, marcada pela globalização, significando um relacionamento passageiro e superficial.*

A categoria *sentimentos compartilhados* está estreitamente relacionada com a categoria anterior, pois pretende explorar o que cada um compartilha com seu “amor”. Nesta categoria todos relatam compartilhar tudo: *“Ah, tudo! O que tive... os problemas... angústias que a gente tem, as alegrias que ele tem e eu tenho, a gente conversa, a gente é... partilha tudo, porque a gente assim... acho que uma vida que, uma pessoa que tu ama tu divide néh o que tu tem, o que eu posso ajudá ele eu ajudo, o que ele pode me ajudá, ele me ajuda, a gente conversa, a gente chora junto, ri junto (risos). Compartilha assim... uma coisa assim mesmo que eu... que a gente às vezes pensa que nem existe néh. Mas é uma coisa assim que a gente compartilha tudo que tivé: de bom de ruim... de de de necessidade... a gente compartilha o que tivé, o que precisa”* (Maria); *“A gente conversa... sobre sobre preocupações, sobre os filhos, porque ele tinha filhos e eu também tenho néh, ele conversa sobre os emprego, sobre néh... tudo assim...”* (Paula); *“É assim, conversa e... é. (...) É, do tempo passado e tudo”* (Pedro).

Na categoria *sentimentos sobre o relacionamento amoroso* englobam-se os sentimentos e as vivências de cada idoso perante seu relacionamento amoroso. O modo como cada um vivencia seu relacionamento nos traz duas configurações distintas: Maria e Pedro falam de uma perspectiva positiva e Paula fala de uma perspectiva negativa. A visão positiva é evidenciada nos seguintes discursos: *“Ah eu ótima! Eu me sentia assim, bastante apreensiva por causa da situação dele. Ele precisa trabalhá pra os filhos (...) Então... mas... não tem outro jeito. Vamo tê que ficá junto, nem que ele fique morando lá e eu aqui: a gente sai dançá, se encontra néh...”* (Maria); *“Me sente melhor assim*

como antes né, me sinto bem... muito bom” (Pedro). Já a visão negativa se encontra na seguinte afirmação da Paula: “*Eu tô meio em dúvida (risos) (...) às vez eu penso assim: não devia nem tê começado néh (risos), a gente fica assim (...) Néh... primero começa, depois se arrepende... não sei, é um medo que a gente tem néh*”. Estes discursos revelam também perspectivas de vida: na perspectiva positiva, há proveito, aceitação e satisfação, já na negativa, parece haver desesperança (Erikson, 1976, 1998; Oliveira, Pasian e Jacquemin, 2001; Xavier, Ferraz, Marc, Escosteguy e Moriguchi, 2003).

Observa-se também que a família teve uma grande influência no modo como se estruturam os relacionamentos amorosos, já que dos sujeitos entrevistados, as famílias que aprovaram (da Maria e do Pedro), o relacionamento é sério e mais intenso, como pode ser verificado nas seguintes falas: “*Olha eu, a a minha filha... as duas filha, meu filho também me apóia. Só que ele não conhece ainda o rapaz. E... também não vai... não vô sê por causa dele que mora lá longe que eu vô dexá de vivê minha vida. Mas a... eles apóiam totalmente que eu arrume alguém, que eu saia, que eu me divirta, néh*” (Maria); “*Ah, eles gostaram. Antes que casei também foi lá visita se... com ela. (...) É pra vê o que que eles acharam néh?!*” (Pedro); Na família que não aprovou (Paula), o relacionamento está comprometido: “*(...) eu tenho meu filho que mora do lado que não gosta, nem gosto quando eu comecei de ih nos baile. Ele já foi contra, ih que ele disse assim pra mim: ‘francamente’, ele disse ‘se tu arrumá um home eu vô lá e faço um maior esparramo!’; intão como é que eu fico néh?! Pra não puxá briga com os filho então eu tenho que... (...) A gente não qué tê atrito com os filhos néh (...)*”.

Esta última categoria não havia sido prevista, mas emergiu no decorrer das entrevistas e foi denominada de influência da família. Isto confirma que uma variável importante no sucesso do recasamento é o relacionamento com os filhos e sua concordância com o novo casamento (Walsh, 1995). Este autor ainda fala que “o recasamento está se tornando uma opção para muitos idosos, especialmente homens, que encontram mais mulheres disponíveis” (p. 274). Isto aconteceu com Pedro, no momento em que viuviu e sua família aceitou facilmente seu novo casamento. Porém, podem surgir dificuldades quando um filho vê o recasamento como uma infidelidade ao progenitor falecido, como no caso de Paula, e não apenas isso, os filhos podem desaprovam a relação amorosa em função de pensarem que esta é por interesse financeiro (na herança do progenitor).

Analisando a fala de cada um dos sujeitos, pode-se verificar que a fala da Maria, divorciada,

estava repleta de sentimentos, como se fosse uma adolescente vivenciando seu primeiro amor. Isto corrobora a afirmação de Kernberg (1999), a qual diz que nos idosos é possível que ocorra romances com características adolescentes, embora que com suas peculiaridades. Paula, viúva, falava de modo contido, como se não pudesse expressar sua vontade em manter um relacionamento amoroso devido à desaprovação dos filhos; afirma-se que ela gostaria de ter um relacionamento, pois em momentos que ela falava do enamoramento ou do próprio relacionamento, havia certa empolgação, até que parecia se lembrar de algo e se refreava novamente. Pedro, também viúvo, que casou com “seu amor do baile”, demonstra ter uma relação na qual um é companheiro do outro.

Pensando na questão da aposentadoria, pode-se verificar que os idosos entrevistados encaram a mesma como um “descanso merecido”, aproveitando o fato dos filhos terem saído de casa e o tempo livre que agora possuem com atividades como participar dos bailes da terceira idade, revelando que também com sua nova relação amorosa emergida nos bailes que estão dando prosseguimento em suas vidas.

Também se pode verificar que as mulheres entrevistadas falam mais e colocam mais emoções em suas orações do que o homem entrevistado. Isto pode ser em função da diferença que há entre os sexos, pois, conforme nos afirmam Pease e Pease (2003), os homens geralmente utilizam frases mais curtas, simples e claras que as mulheres, e estas, por sua vez, falam mais por possuírem duas áreas cerebrais específicas para isso. Esta diferença da fala entre homens e mulheres também é argumentada por Gray (1995), o qual assegura que o senso de si mesmos dos homens resulta da habilidade de alcançar resultados, neste caso seria a companheira, já o senso de si mesmas das mulheres se definiria pelos seus sentimentos e qualidade de seus relacionamentos.

O “falar pouco” também pode ser por influência da idade, já que Maria e Paula possuem 61 e 63 anos, respectivamente, e Pedro possui 90 anos. Outros fatores como o sexo da pesquisadora ou o fato da companheira estar em casa poderiam ter influenciado Pedro a não falar muito.

Em alguns momentos se observa falas sem nexos, que pode ser pelo fato de estarem falando que o lhes “vem à cabeça”, como também pode ser, conforme Eizirik, Candiago e Knijnik (2001), em função das perdas cognitivas comuns nesta faixa etária. Essas incoerências, apesar de em alguns momentos terem dificultado a compreensão, não impossibilitaram a realização de uma análise satisfatória.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensou-se que haveria um grande número de sujeitos dispostos a participar da pesquisa, porém, devido ao preconceito e a resistência, foi difícil o acesso aos sujeitos. Este ocorreu por meio de contatos conhecidos dos sujeitos, que então, após serem comunicados da indicação deste conhecido, aceitaram falar com a pesquisadora. Verifica-se que foi necessário alguém que lhes fosse familiar para considerarem a pesquisa como algo “seguro”. De qualquer forma, acredita-se que os dados coletados foram bastante ricos, nos quais se podem analisar muitos aspectos do relacionamento amoroso em idosos aposentados frequentadores de bailes da terceira idade.

Após a análise dos resultados, pode-se verificar que os objetivos do projeto foram atingidos, já que: o que leva os idosos a buscarem um relacionamento amoroso é para conseguir companhia; os idosos vivenciam o enamoramento como algo bom e intenso ou como algo desagradável, sendo este último gerado pela desaprovação da família; e o modo como o relacionamento amoroso dos idosos se estrutura, mostra que todos tendem a compartilhar tudo, que as mulheres tendem a se expressar mais e falar mais sobre sentimentos do que o homem, e que o relacionamento pode ser sério quando apoiado pela família. E como essa questão dos familiares emergiu nos resultados, fica como sugestão pesquisar os sentimentos das famílias dos idosos que possuem um relacionamento amoroso oriundo dos bailes da terceira idade.

Estes idosos demonstram que não se deve considerar a velhice como um destino e sim, uma categoria social, na qual se pode reencontrar e reconstruir a identidade, fazer planos e realizá-los, incorporar novas atitudes, além de buscar novas referências (Gáspari e Schwartz, 2005; Rodrigues et al. 2005). Então, o amor pode ser uma destas “novas referências”, apresentando a velhice não como um fim, mas como um possível recomeço.

## REFERÊNCIAS

- Argimon, I. I. de L. (2006). Aspectos cognitivos em idosos. *Avaliação Psicológica* (Porto Alegre), 5, 2.
- Andolfi, M., Angelo, C., & Saccu, C. (1995). *O casal em crise* (2ª ed.). São Paulo: Sumus.
- Araújo, L. F. de., Coutinho, M. da P. de L., & Carvalho, V. A. M. de L. (2005). Representações sociais da velhice entre idosos que participam de grupos de convivência. [Online]. *Revista Psicologia Ciência e Profissão* (Brasília), 25, 1, 118-131.
- Bauer, M. W., & Gaskell, G. (2003). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático* (3ª ed.). Tradução de Pedrinho Arcides Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Borini, M. L. O., & Cintra, F. A. (2002). Representações sociais da participação em atividades de lazer em grupos da terceira idade. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 55, 5, 568-74.
- Chizzotti, A. (2001). *Pesquisa em ciências humanas e sociais* (5ª ed.). São Paulo: Cortez.
- Deslandes, S. F., Gomes, O. C. N. R., & Minayo, M. C. de S. (org.). (1996). *Pesquisa social: Teoria, método e criatividade* (6ª ed.). Petrópolis: Vozes.
- Eizirik, C. L., Candiago, R. H., & Knijnik, D. Z. A velhice. In Eizirik, C. L., Kapczinski, C. L. E., & Bassols, A. M. S. (2001). *O ciclo de vida humana: Uma perspectiva psicodinâmica* (pp. 169-189). Porto Alegre: Artmed.
- Erikson, E. (1998). *O ciclo de vida completo*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Erikson, E. (1976). Oito idades do homem. In *Infância e sociedade* (pp. 227-253). Rio de Janeiro: Zahar.
- Ferreira, M. A. dos S., & Schultz, T. (2005). *Atributos que definem a escolha de um parceiro na busca de um relacionamento amoroso* [trabalho de conclusão de curso]. Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba.
- Filho, C. B. (2007). *Los ‘maduros’ nos chats: la (des)humanización em el mundo virtual*. [Online]. Disponível em: <<http://www.cibersociedad.net>>.
- Gáspari, J. C. de., & Schwartz, G. M. (2005). O idoso e a ressignificação emocional do lazer. *Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa* (Brasília), 21, 1.
- Gatto, I. de B. Aspectos psicológicos do envelhecimento. In Netto, M. P. (2002). *Gerontologia: A velhice e o envelhecimento em visão globalizada* (pp. 109-113). São Paulo: Atheneu.
- Gil, A. C. (1994). *Métodos e técnicas de pesquisa* (4ª ed.). São Paulo: Atlas.
- Gray, J. (1995). *Homens são de Marte, mulheres são de Vênus: Um guia prático para melhorar a comunicação e conseguir o que você quer nos seus relacionamentos* (12ª ed.). Tradução de Alexandre Jordão. Rio de Janeiro: Rocco.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2007). *Projeção da população do Brasil*. [Online]. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>.
- Kapczinski, C. L. E., & Bassols, A. M. S. (2001). *O ciclo de vida humana: Uma perspectiva psicodinâmica*. Porto Alegre: Artmed.
- Justo, J. S. (2005). O “ficar” na adolescência e paradigmas de relacionamento amoroso da contemporaneidade. *Revista do Departamento de Psicologia da UFF* (Niterói), 17, 1.
- Kernberg, O. F. (1999). Relações amorosas na terceira idade. *Psicanálise – Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise* (Porto Alegre), 1, 1, 139-158.
- Laville, C., & Dionne, J. (1999). *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul; Belo Horizonte: Editora da UFMG.
- Martins, J., & Bicudo, M. A. V. (2003). *A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos* (3ª ed.). São Paulo: Centauro.
- Oliveira, E. A. de., Pasian, S. R., & Jacquemin, A. (2001). A vivência afetiva em idosos. *Revista Psicologia Ciência e Profissão* (Brasília), 21, 1, 68-83.
- Pádua, E. M. M. de. (2000). *Metodologia da pesquisa: Abordagem teórico-prática* (6ª ed.). Campinas: Papyrus.
- Pease, A., & Pease, B. (2003). *Por que os homens mentem e as mulheres choram?* (8ª ed.). Rio de Janeiro: Sextante.
- Pereira, R. J. et al. (2006). Contribuição dos domínios físico, social, psicológico e ambiental para a qualidade de vida global de idosos. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul* (Porto Alegre), 28, 1.
- Pereira, R. S. (2005). *Ser ou não ser sujeito? Reflexões acerca da autonomia do idoso institucionalizado* [trabalho de conclusão

- de curso]. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Pereira, S. P. (2005). *Prevalência de depressão na população idosa de Itajaí (SC): relação com variáveis biopsicossociais* [trabalho de conclusão de curso]. Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí.
- Ramos, M. P. (2002). Apoio social e saúde entre idosos. *Revista Sociologia* (Porto Alegre), 7.
- Rodrigues, M., Ayabe, N. H., Lunardelli, M. C. F., & Canêo, L. C. (2005). A preparação para a aposentadoria: o papel do psicólogo frente a essa questão. *Revista Brasileira de Orientação Profissional* (São Paulo), 6, 1, 53-62.
- Ruwer, S. L., Rossi, A. G., & Simon, L. F. (2005). Equilíbrio no idoso. *Revista Brasileira de Otorrinolaringologia* (São Paulo), 71, 3.
- Scarpato, H. (2000). *Psicologia e pesquisa: Perspectivas metodológicas*. Porto Alegre: Sulina.
- Triviño, A. N. S. (2001). Bases teórico-metodológicas preliminares da pesquisa qualitativa em ciências sociais. *Cadernos de Pesquisa Ritter dos Reis* (Porto Alegre), 4.
- Xavier, F. M. F., Ferraz, M. P. T., Marc, N., Escosteguy, N. U., & Moriguchi, E. H. (2003). Elderly people's definition of quality of life. *Revista Brasileira de Psiquiatria* (São Paulo), 25, 1.
- Walsh, F. (1995). A família no estágio tardio da vida. In Carter, B., & McGoldrick, M. (org.). *As mudanças no ciclo de vida familiar* (2ª ed.): (pp. 269-287). Porto Alegre: Artes Médicas.

Recebido em: 03/09/2008. Aceito em: 23/07/2009.

**Autores:**

Rovana Kinas – Graduanda do curso de Psicologia, Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI, Campus de Santo Ângelo.

Giana Bernardi Brum Vendruscolo – Professora orientadora da pesquisa, Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI, Campus de Santo Ângelo. giana@urisan.tche.br

**Endereço correspondência para:**

Rovana Kinas  
 Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI  
 Rua Universidade das Missões, 464 – Bairro Universitário  
 CEP 98802-470, Santo Ângelo, RS, Brasil  
 Tel.: (55) 3313 7900  
 E-mail: rovanak@gmail.com